

Desde de 2006, venho estudando infância e imaginação, a partir do encontro entre literatura e artes plásticas, junto ao grupo de pesquisa Estudos Poéticos da UNISC. No primeiro projeto, concluído em 2008, com crianças em processo de alfabetização em uma escola da rede pública de ensino, constatamos a fragilidade teórica que sustentam as práticas pedagógicas com as diferentes linguagens. No ano de 2009, desencadeamos o projeto de pesquisa Imaginação poética e linguagens na educação da infância (UNISC/CNPq), para aprofundarmos os conceitos de imaginação poética em Gaston Bachelard e de corpo operante em Merleau-Ponty. A abordagem filosófica vem permitindo ao grupo resistir a tendência escolar de priorizar o produto em detrimento do processo, isto é, de não considerar que a criança é capaz de simultaneamente cantar, dançar, escrever, pintar, desenhar apontando a inseparabilidade entre corpo, imagem e palavra nos processos de tornar inteligível o vivido. A leitura, a escrita e os debates no grupo permitem uma experiência de pensamento que não busca respostas, mas tencionar outras interrogações que contribuam para romper com a naturalização do ensino analítico das linguagens. Linguagem não é representação do mundo, linguagem é corpo, há uma significação “linguagreira” da linguagem que não se prende ao “penso”, mas ao “posso” (Merleau-Ponty, 1999) que diz respeito a ser próprio do gesto humano realizando uma experiência e sendo essa própria experiência, isto é, agindo. Nessa perspectiva podemos compreender quando Gebauer e Wulf (2004) chamam a atenção para a importância da mimesis como conhecimento prático ligado ao corpo. Um saber prático que é performativo e estético que permite assumir reivindicar a força da dimensão poética das linguagens.